

Demandas e Urgências da Formação Teológica no Terceiro Milênio

Globalização e Sofrimento

Oneide Bobsin

Introdução

Enquanto me debatia na reflexão sobre demandas e urgências para esta breve exposição ocorreu-me a pergunta feita por Jesus em Mateus 20.17-28, texto indicado para a pregação do 4º Domingo de Quaresma. Neste texto bíblico está colocada, a meu ver, a questão central para as igrejas que deviam estar se preparando para enfrentar os desafios da entrada do próximo milênio. Vamos, pois, à pergunta/resposta feita por Jesus à mãe de dois discípulos que queriam sentar à esquerda e à direita dele quando se tomasse rei: “Por acaso podem beber o cálice que eu vou beber?”

De cálices e de solidariedade, portanto, trata a nossa fala neste painel. E, para evitar mal-entendidos, apresso-me a dizer que não prezo os masoquistas e que no Novo Testamento a idéia de reino de Deus aparece seguidamente associada a festas.

Presumo da sociologia e da história das religiões que as causas e as conseqüências do sofrimento constituam demandas e urgências perenes para a teologia. Com tal perspectiva de análise não estamos fazendo um pacto com sistemas de idéias derrotistas e fatalistas. Além do mais, afirmar que a constância do sofrimento é por excelência a “matéria prima” das religiões não nos impede de reconhecer as causas conjunturais de tudo aquilo que nega os meios de afirmação de uma vida abundante, pessoal e coletiva. Por isto, nossa abordagem não pode passar ao largo da tão falada globalização da economia. Não se pode ignorar o custo social da globalização. Novamente estamos diante de uma estratégia de concentração capitalista que aumentará o número dos miseráveis, oprimidos, deprimidos e, em conseqüência, o sofrimento.

A “Sociologia do Sofrimento” e o Futuro

Os clássicos das ciências sociais, como Marx, Weber, Durkheim e outros, da segunda metade do século passado e da virada para este, fizeram afirmações sobre o futuro com base em suas perspicazes observações do passado e de sua época. Seus prognósticos baseavam-se na idéia de que as ciências sociais e humanas, à semelhança de outras disciplinas, poderiam perscrutar a dinâmica constante da sociedade sob um suposto caos. A partir de regras e leis gerais que estruturam a realidade se poderia fazer prognósticos sem cair em futurologia.

Por ordem histórica, iniciamos com um breve comentário sobre o prognóstico de Karl Marx a respeito do fim da religião por meio da superação da alienação econômica. De acordo com o grande e controvertido pensador alemão do século passado, a religião poderia ser considerada como um reflexo das condições econômicas e o seu fim se relacionaria à superação da sociedade de classes. O fim da exploração do trabalhador pelo capital criaria relações sociais transparentes. Desta forma, a luta dos trabalhadores contra a sua exploração socializaria os meios de produção, e os fetiches da mercadoria, do dinheiro e do capital cairiam por terra. As nebulosas religiosas se dissipariam e as pessoas não mais girariam em torno de sóis falsos. Em outras palavras: as pessoas teriam a história na mão.

Se tivéssemos um tempo maior para a nossa exposição seria interessante destacar e comentar textos bíblicos que fundamentariam os prognósticos de Marx a respeito do fim dos templos e da religião. Para satisfazer a curiosidade indignada daquelas pessoas cristãs que vêem Marx como o maior inimigo da religião, destaco alguns textos da Bíblia. Em Isaías 44.9-20, o profeta arrasa o esquema de produção de ídolos como atividade humana. No livro do profeta Jeremias, 31.31-34, está explícito que a lei será escrita no coração e por isto as pessoas não mais precisarão de instrução religiosa. Com a mesma radicalidade o profeta Amós derruba o sistema de sacrifício e faz exigências divinas na prática da justiça (Am 5.21-27). Numa perspectiva semelhante, o apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 13.1-13, preconiza o fim das profecias, do falar em línguas e da ciência, ao mesmo tempo em que enfatiza a eternidade do amor — de Deus. Segue sua linha coerente de raciocínio de que o conhecimento limitado será superado pelo “ver face a face”. Por último, mas não menos importante, destacamos a visão de João, conforme Apocalipse 21.22, que afirma a inexistência de templo na Nova Jerusalém, onde não haverá mais morte, luto e dor.

Com certeza, Marx conhecia a Bíblia. Contudo, não foi dela que ele deduziu o fim da religião. Seu prognóstico quanto ao fim da religião baseia-se, como afirmamos acima, na superação da exploração econômica de uma classe sobre a outra. Além disso, como filho de sua época partilhou da visão evolucionista tão presente nos debates intelectuais da segunda metade do século passado na Europa. Contra os seus prognósticos, a religião sobreviveu e o capitalismo se metamorfoseou numa “besta” que seduz para matar, garantindo a sua própria existência.

Partindo de outro ponto de vista e com uma metodologia diferente da de Marx, Max Weber prognosticou a volta dos deuses após uma época de desencantamento. Em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, sempre lembrada quando se estuda a relação entre religião e economia, o sociólogo alemão, que viveu nas últimas quatro décadas do século passado e nas duas primeiras deste, disse que viveríamos numa gaiola de aço incapaz de dar sentido à vida. No futuro, portanto, estaríamos presos a uma realidade decorrente de um processo de racionalização cujas origens estariam no profetismo do Antigo Testamento e cujo ponto alto teria sido a secularização do mundo provocada pela ética protestante do calvinismo do séc. 16.

Portanto, a racionalização desencadeada pelo protestantismo ascético criaria um mundo desencantado, uma gaiola de aço, onde as pessoas não encontrariam respostas para o problema do sentido da vida. Por esta razão, os velhos deuses renasceriam para compensar esta falta.

Sem sombra de dúvida, o prognóstico weberiano não foi um equívoco total. Podemos ver suas teses se concretizarem em algumas classes que se impuseram no Ocidente. Tanto a burguesia européia quanto a classe operária de uma determinada época, enquanto classes cheias de vigor, “com a história na mão”, dispensavam visões de mundo impregnadas de símbolos religiosos. A análise de Weber também pode ser estendida para grupos de intelectuais de orientações diversas que explicam o mundo sem se referirem a Deus. Contudo, se olharmos para as camadas populares do Terceiro Mundo, p. ex., notaremos que os deuses nunca morreram; logo, o mundo permaneceu encantado na periferia. Por isto, levanta-se a pergunta: como voltarão os deuses que nunca foram embora? Ademais, os velhos deuses que foram expulsos das ilhas de racionalidade do Ocidente hoje freqüentam, travestidos de uma linguagem pseudo-secularizada, os salões onde se maquina a globalização.

Mesmo que Marx e Weber encontrem-se ou sejam colocados em pólos divergentes, suas teorias confluem na afirmação de que religião e pobreza se alimentam mutuamente. Para o primeiro, a religião é o suspiro da criatura oprimida num mundo sem coração, ao passo que para o segundo a religião atua como um fator de compensação para os “negativamente privilegiados”, os quais em nosso meio constituem a maioria crescente da população.

Outro clássico que trabalhou a religião como assunto central foi Durkheim, sociólogo positivista francês. Segundo ele, a religião era o cimento do mundo tradicional, pré-capitalista; ela desempenharia as funções de coesão e coerção sociais e Deus nada mais seria do que idéia que a sociedade fazia de si mesma. Com a vinda do capitalismo e, conseqüentemente, com a emergência do individualismo, a religião se modificaria, mas não morreria. Por quê? Durkheim respondeu que há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu.

Sufrimento e Religião

Até aqui fizemos referências aos clássicos da sociologia com o intuito de mostrar a possibilidade de elaborarmos prognósticos que não desemboquem em exercícios de futurologia. Relembro que estamos tentando levantar demandas e urgências para a formação teológica no terceiro milênio. Também procuramos realçar o nexo entre religião e sofrimento como uma contribuição das análises de Marx e Weber. Ademais, destacamos que a constância e, de certa forma, a universalidade da problemática de sofrimento e religião não nos impedem de analisar os novos fatores estruturais que geram a miséria e a morte em dois terços da humanidade. Portanto, referir-se à constância e à universalidade de uma questão “fundante” da religião de forma alguma nos compromete com visões conformistas que eternizam as situações geradoras do sofrimento. Ressalve-se ainda que há sofrimento cuja causa não é social.

Um passo à frente em nossa discussão remete-nos ao antropólogo Clifford Geertz. Para ele, a religião lida com o problema do mal sem apontar para a superação do sofrimento. Em outras palavras, ela ensina como sofrer, não como evitar o sofrimento. De fato, não é difícil sustentar esta tese. Olhem para o espiritismo, o pentecostalismo, a umbanda, o neopentecostalismo e o conformismo da maioria dos evangélicos luteranos, etc. e verão a atualidade da tese de Geertz. O espiritismo, p. ex., justifica o sofrimento presente referindo-se às falhas cometidas nas encarnações passadas. É preciso agüentar o presente e fazer caridade com o objetivo de ascender na cadeia evolutiva, assim como o soldado chega a general, alguns peões a postos intermediários de mando e um jovem desconhecido da roça a bispo. Não podemos ignorar o sucesso desta visão religiosa em nosso meio. Ela guarda profunda afinidade com a concepção hierárquica dominante e dá vazão às projeções humanas em relação à vida após a morte.

Mesmo se contrapondo ao espiritismo, o pentecostalismo também constitui uma resposta à aflição e não deixa de ser um consolo na opressão. A maioria dos pentecostais vê o sofrimento como uma pedagogia para a salvação e sinal da segunda vinda de Cristo. Deus impinge ao crente doenças e outras desgraças para mostrar o quanto é bondoso e para provar a fé do fiel. No entanto, não se pode esquecer que tais justificativas para o sofrimento são, às vezes, a única “tábua de salvação” da pessoa. Embora não alterem a situação estruturalmente, elas fazem com que os abandonados pelo Estado e os alienados dos meios de afirmação da vida fiquem de pé com um mínimo de dignidade. Na prática, os pobres, miseráveis e excluídos não têm opção. Em muitas situações, tornar-se um crente pentecostal é uma exigência imposta ao indivíduo pela precariedade das condições de vida que tornam a existência praticamente inviável. Isto vale também para outras “opções” religiosas.

A exemplo do pentecostalismo, os umbandistas atribuem ao sofrimento, especialmente à doença, uma causa espiritual. Os “encostos”, p. ex., confirmam

esta visão da origem dos males. Além disso, a competição no mundo do trabalho, como conseqüência do desemprego, parece se tornar cada vez mais um assunto espiritual que demanda “trabalhos”, ou despachos.

Doenças, desemprego, insucesso no casamento e dificuldades nos negócios, etc. são realidades dolorosas crescentes que levam as pessoas para os templos neopentecostais. Ali não se promete apenas a solução de todos os males; vai-se mais longe ao apontar o caminho da prosperidade. O espírito da pobreza, da doença e do desemprego precisa ser exorcizado, amarrado. E o sangue de Jesus tem poder para fazer isto. Mediante doações financeiras e exorcismos os espíritos do mal são amarrados e o fiel se vê livre para prosperar na vida. Desta forma, as pessoas sentem-se acolhidas em suas necessidades e são motivadas a alcançar objetivos concretos. Assim, o caos sócio-existencial é reordenado a partir de um eixo muitas vezes autoritário.

Mesmo que, em contrapartida, proponhamos um caminho mais comunitário e uma prática coletiva na superação de problemas de ordem social, econômica e, em alguns casos, até existencial, numa perspectiva de liberdade, devemos reconhecer que a estratégia neopentecostal se aproxima mais do *Zeitgeist* (espírito do tempo) e logra certo sucesso.

As breves referências feitas até aqui parecem ser suficientes para sustentar a tese segundo a qual as religiões constituem-se em respostas às aflições e justificativas para o sofrimento. Por esta razão, as urgências e as demandas para a formação teológica devem haurir da análise das causas e conseqüências do sofrimento e da luta contra ele, e não do mero confronto de visões religiosas distintas. Certos dogmatismos podem nos levar a esquecer a pessoa que sofre.

Sofrimento Globalizado

A globalização caracteriza-se de forma sucinta como a adequação da economia e dos estados nacionais a um novo patamar de acumulação do capital internacional, lastreado no avanço científico e tecnológico. Para poder competir num mercado global, altamente competitivo, é preciso dominar a tecnologia de ponta e suprimir certas conquistas da classe trabalhadora pela flexibilização de leis que regem as relações de trabalho. Com isto, o fechamento de postos de trabalho torna-se a ordem do dia. O desemprego aumenta.

Na prática, é fácil sentir os efeitos da globalização. Nem se faz necessário dominar toda a terminologia a respeito da conjuntura ou estrutura para perceber a desgraça que se aproxima. Basta olhar ao nosso redor. Numa comunidade religiosa como a de Sapucaia do Sul, composta de trabalhadores assalariados da área industrial, é visível o pânico dos que ainda têm trabalho. Para muitos, chegar ao emprego torna-se um pavor diário, pois temem surpresas desagradáveis.

Lembramos que até há bem pouco tempo uma demissão não era vista como algo ameaçador. Hoje, todos sabem que ser despedido equivale geralmente ao fim de um posto de trabalho. Por conta da competitividade e produtividade o avanço tecnológico elimina postos de trabalho, ou melhor, meios de afirmação da existência humana. Numa reflexão no presbitério da comunidade, a secretária referiu-se às novas tecnologias como uma “coisa que não vem de Deus, algo diabólico”. Seu comentário religioso não deixa de apontar para a verdade se concebermos o trabalho, na forma de emprego, como um meio de afirmação da vida.

Com palavras muito simples essa senhora do presbitério se aproximou de uma das conclusões do 3º Congresso de Metalúrgicos da CUT, segundo o qual os ganhos de qualidade e de produtividade foram obtidos à custa da eliminação de 43% dos postos de trabalho no setor siderúrgico nacional, que empregava 173 mil trabalhadores em 1989 e somente 99 mil em 1994 (*Revista dos Metalúrgicos*, p. 16).

Podemos confirmar essa tendência entre os membros da Comunidade Evangélica Luterana de Sapucaia do Sul, mesmo que estes não atinjam níveis de qualificação profissional tão elevados quanto os do setor siderúrgico. Nada melhor do que um exemplo. F. M., oriundo da área rural de Santa Cruz do Sul, trabalhou muitos anos no ramo metalúrgico. Depois de demitido há três ou quatro anos, e com mais de 40 anos, não conseguiu nenhum trabalho em sua área de especialização. Para sustentar a família obrigou-se a mudar de profissão. Hoje é cortador de grama. Com estas mudanças traumáticas está começando a ingerir álcool em demasia. Mesmo assim, consegue manter-se.

Como o trabalho autônomo é instável, o ganho baixou muito. F. M. até pensou em se desfiliar da comunidade, pois não consegue mais contribuir financeiramente. Para ele, a contribuição representa algo mais do que dar dinheiro. Antes de tudo, é uma forma de manter compromissos como decorrência de uma visão de mundo na qual ser devedor é manchar a honra. Como vêem, a questão transcende a impossibilidade de contribuir. Ela atinge a auto-imagem da pessoa e cria dificuldades na preservação da “memória coletiva” — ser membro de uma Igreja de tradição. A pessoa é atingida em sua identidade mais profunda. Por meio de um gesto pequeno e sábio o presbitério possibilitou o seu vínculo através da prestação de serviços no pátio da comunidade. Provisoriamente está resolvida a questão.

Conhecemos outras pessoas que estão no limiar de crises decorrentes do desemprego ou da mudança de profissão. Não sabemos quanto tempo elas vão manter sua identidade. As bases da racionalidade e do suporte ético estão sendo abaladas pelas portas fechadas para o trabalho. Na prática, estão perdendo os fundamentos que sustentavam os seus compromissos. Cito como exemplo um líder sindical que, no passado recente, era uma pessoa extremamente crítica e que hoje faz de um centro de umbanda um meio de sobrevivência. Sobre ele recaem severas críticas de “pais” e “mães de santo” cujas “cabeças foram feitas” depois de mais de sete anos de participação e instrução religiosas, ao passo que ele se “formou” às pressas. Inclusive há denúncias de que ele cobra por “trabalhos”

pouco eficazes. Com certeza, se esta pessoa tivesse um bom emprego não usaria a religião como forma de ganhar a vida, pois sofre muito com as críticas dos companheiros de partido e de sindicato por ter enveredado pelo caminho do “ópio”. Ele participa de um partido de esquerda e integra uma vanguarda sindical.

“Podeis beber o cálice que eu vou beber?” Insisto: creio que nas causas e conseqüências do sofrimento estão as demandas e as urgências para a formação teológica.

Palavras Finais

Para finalizar, quero fazer resumidamente referência a duas questões importantes que deverão ser aprofundadas em outra ocasião. A primeira relaciona-se a uma problemática que levantei em outros momentos como este e que ainda carece de uma elaboração mais profunda. Trata-se da dificuldade de membros da comunidade em participar dela nos períodos em que passam por crises na família, no casamento ou decorrentes de desemprego e doenças. Enquanto perdura a dor, as pessoas somem dos cultos; ausentam-se provisoriamente da vida comunitária. Por que ocorre isto? Levanto algumas hipóteses. No imaginário dos membros parece que a comunidade é um lugar para quem está de bem com a vida. Se esta “teodicéia da boa sorte” for comprovada, o que pensar de uma pregação que sempre se “orgulhou” da teologia da cruz? Será que a ética do trabalho individual, como forma de resolução das contradições sociais, não impede a solidariedade? Ou: como se relacionam o conceito de pecado presente na visão dos membros e as situações dolorosas decorrentes de doença, desemprego e outros males? Será que a pregação não relacionou bênção com sucesso na vida? E assim por diante.

A segunda questão diz respeito à prática da “duplicidade” religiosa em momentos-limite da vida. Parece-me que muitos membros buscam respostas para seus sofrimentos em outras religiões, deixando à Igreja a administração de ritos de passagem mais estáveis, como batismo, confirmação, casamento, enterro. Agregase a isto o fato de que essas “fugidas” tornam-se mais freqüentes quando o descenso social se faz presente, o que está se tornando comum em razão da socialização dos prejuízos ou custo social da globalização. Temos enormes dificuldades de nos comunicar efetivamente com quem está descendo na estrutura social. Em contrapartida, os grupos e movimentos religiosos que chamamos erroneamente de seitas logram enormes êxitos entre a massa que está sendo desclassificada. Perguntas: a racionalidade implícita em nossa teologia parece pouco útil quando se trata de questões-limite? Não somos vítimas do iluminismo? Vejam o que o presidente sociólogo faz com a razão. Alguém já disse que a razão pode ser uma prostituta. O referencial mítico e o conceito de pessoa baseado no “duplo”, em contradição à unidade, não deveriam ser tema urgente da teologia? Que tal agre-

garmos ao nosso excelente discurso teológico científico de vanguarda solidária o referencial mítico dos pobres? A razão não agüenta o cheiro da pobreza. A maioria dos intelectuais também pede para sentar à direita e à esquerda do rei ou daquele que se tornará rei. Dane-se a solidariedade!

Como palavra final lanço uma heresia que pode aproximar-nos do pobre e de suas perguntas a respeito de Deus, ou de sua ausência: a demanda mais urgente não reside no complexo desafio de formarmos “teo-mitólogos”? Desculpem-me pelo neologismo absurdo.

Vejo, num quadro com uma moldura e fundo míticos, uma cruz solidária que aponta para a superação das cruzes impostas, anunciando a festa da vida.

Bibliografia

- DURKHEIM, Émile. *Las Formas Elementales de la Vida Religiosa*. Buenos Aires, Schapire, 1968.
- GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, 1973.
- MARX, Karl. *Manuscritos Economico-Filosóficos de 1844*. Bogotá, Plum, 1980.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira; Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
- REVISTA dos Metalúrgicos; Especial; Terceiro Congresso Nacional dos Metalúrgicos. Ano III, dez. 1995.